



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Uma aula sobre fotografia híbrida¹

Aline de Caldas Costa²

Andressa Souza Santos³

Beatriz Souza Carvalho⁴

Universidade Federal do Oeste da Bahia

Introdução

Esse relato de experiência trata de uma aula sobre fotografia híbrida no curso de formação complementar intitulado Temas Seleccionados em Fotografia na Universidade Federal do Oeste da Bahia. Na ocasião, foram convidadas duas egressas da casa do bacharelado em Publicidade e Propaganda e a licenciatura em Artes Visuais, as quais assinam esse trabalho como co-autoras.

Referencial teórico

Quando apresentou a ideia de “entre-imagens”, Raymond Bellour (1997) tratou de um tempo e espaço nos quais ocorre o atravessamento entre a imagem fixa (fotografia) e a imagem em movimento (cinema), resultando em uma metamorfose (vídeo).

a grande força do vídeo foi, é e será a de ter operado *passagens*. O vídeo é antes de mais nada um atravessador. Passagens (com relação ao que me interessa) aos dois grandes níveis de experiência que evoquei: entre móvel e imóvel, entre a analogia fotográfica e o que a transforma. Passagens, corolários que cruzam sem recobrir inteiramente esses “universais” da

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia e educação”.

² Professora adjunta de Fotografia e Teorias da Comunicação na Universidade Federal do Oeste da Bahia, e-mail: alinedecaldas@gmail.com

³ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Oeste da Bahia, e-mail: souza.ansantos@gmail.com

⁴ Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Oeste da Bahia e professora da rede estadual de educação através do projeto Educa Mais Bahia do Colégio Estadual Rolando Laranjeira Barbosa. E-mail: contato.beatrizscarvalho@gmail.com



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



imagem: dessa forma se produz entre *foto, cinema e vídeo* uma multiplicidade de sobreposições, de configurações pouco previsíveis (Bellour, 1997, p. 14, grifos do autor).

Tal relação, ora de confluência, ora de dispersão, ora de mescla, promove uma linguagem marcada por fluxos entre mídias, estéticas e suportes. “Desse modo (virtualmente), o *entre-imagens* é o espaço de todas essas passagens. Um lugar, físico e mental, múltiplo” (Bellour, 1997, p. 14, grifos do autor). A partir dessa multiplicidade, tem-se um novo regime de imagens, desde a produção à circulação e consumo. Esse lugar a que Bellour chamou “entre-imagens” não se circunscreve ao vídeo, pois opera também como uma experiência afeita às imagens fixas.

Tadeu Chiarelli (2002) preferiu o termo “fotografia contaminada” para referir-se à imagem que, pela ação de uma pessoa artista *performer*, foge aos padrões clássicos de uma ou outra linguagem artística.

uma fotografia contaminada pelo olhar, pelo corpo, pela existência de seus autores e concebida como ponto de intersecção entre as mais diversas modalidades artísticas, como o teatro, a literatura, a poesia e a própria fotografia tradicional. Assim os autores aqui citados não seriam vistos propriamente como fotógrafos, mas como artistas que manipulam o processo e o registro fotográficos, contaminando-os com sentidos e práticas oriundas de suas vivências e do uso de outros meios expressivos (Chiarelli, 2002, p. 115).

Trata-se de desobediência aos cânones pelo diálogo provocado entre diferentes suportes e linguagens. A fotografia se desenraiza do campo do registro da vida para se situar no encontro do eu com o outro e o mundo.

Bittencourt (2022) caracteriza o hibridismo **material** na fotografia, o qual tem “ênfase no fazer, misturando a fotografia com alguma outra coisa, subvertendo modelos já estabelecidos e criando diálogos únicos e complexos



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



entre o artista e o seu processo criativo” (Bittencourt, 2022, p. 38).

Para a artista, a fotografia é o disparador de um processo criativo que, longe de possuir um método rigoroso, baseia-se nos princípios da liberdade, do experimento e da errabilidade elencados por Cecília Sales na obra “O gesto inacabado” (2004). Tem-se, então, atos criativos sinuosos, anacrônicos, “possibilitando o diálogo de técnicas, não-técnicas e acontecimentos que brotam durante a poietica, ou seja, permite que hajam mudanças, conceituais e plásticas, durante o processo, que não estão estabelecidas *a priori*” (Bittencourt, 2022, p. 7). Ao tempo em que acolhe o erro e estimula a liberdade e o experimento, a fotografia híbrida se constitui em conjuntos de experiências de criação recombinaíveis e infindas.

Materiais e métodos

A metodologia privilegiou a vivência antes da reflexão. Foi solicitado à turma que enviassem fotografias de si, de preferência, sem produções de arte ou apuro técnico. Esses materiais foram impressos em a) papel sulfite A4 em preto e branco por impressora jato de tinta; b) papel sulfite A3 em cores por impressora a laser e c) em papel fotográfico A4 em cores por impressora laser.

No estúdio fotográfico, a turma foi dividida em duas partes de quatro estudantes, cada uma contando com uma mesa e uma câmera Canon 80D. O exercício também foi dividido em quatro etapas, todas inicialmente demonstradas pela docente, que se retirava na sequência para não interferir nas escolhas dos estudantes.

Na primeira etapa *acrescentamos* materiais sobre a imagem impressa. Havia disponível sementes, cascas de madeira, folhas de louro, giz de cera;



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



areia do rio Corrente e cristais. As composições foram individuais, sempre refotografadas ao final de cada composição.

Depois, *tingimos* as imagens. Disponibilizamos borrifadores com café, chás de urucum e açafrão; álcool; sumo de amora; batom líquido vermelho; carimbos de madeira com temas de natureza e almofada com tinta vermelha.

E *ferimos* as imagens com rasgos e sobreposição de fragmentos. Disponibilizamos lixa d'água; estilete; palitos de dente; velas coloridas e giz de cera de grande espessura. Cada estudante derramou cera de velas coloridas sobre as impressões, perfurou-as com palitos e derreteu a base do giz de cera para carimbar direto no papel.

A etapa final consistiu em *destruir* as imagens com a chama das velas – fora do estúdio – para construir outra imagem. Essa etapa foi abortada.

Resultados e discussões

O processo criativo por trás dessas experimentações em sala aula, possibilitou um contato mais íntimo e libertador com relação às noções de limites da imagem. Compreende-se que na fotografia híbrida, essas etapas não perdem lugar, não se apagam ou se substituem por outras, mas se somam em sobreposições. Ao interferir nas fotografias, cria-se resultados transformados, únicos, que expressam as experiências do olhar dos envolvidos (Bellour, 1997).

Os materiais eram os mesmos, mas as intervenções foram distintas, com ressignificações amplas. O enfoque recaiu na fusão dos elementos físicos que podiam habitar a superfície das fotos.

O experimento possibilitou um espaço de criação e expressão de emoções. A liberdade e o descomprometimento com o belo no resultado final evidenciou a importância de um ambiente fotográfico desprendido de limites, no



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



qual o fluxo criativo seja atravessado apenas por mais possibilidades. Acolhe-se os erros, permite-se o imprevisível e aceita-se o ato de transformação nas imagens como resultado final. Isso é, se for possível dizer que há um “final” nesse tipo de abordagem.

A respeito do trato docente, destacam-se na parte prática a orientação que não determinou o destino, mas apontou caminhos e a explanação de conceitos e repertório na parte teórico-reflexiva da aula.

Se pensarmos a educação como um processo de socialização, entendemos que a sala de aula se torna um espaço de compartilhamento de ideias e sentimentos, que parte da abordagem pedagógica e se interioriza pelo indivíduo, refletindo, em seguida, resultados tanto individual, quanto coletivo. Rosália Duarte cita Durkheim sobre “tornar-se ser social, significa interiorizar (colocar para dentro), pela ação educativa, ‘um sistema de ideias, sentimentos e hábitos que exprimem em nós ou nos grupos dos quais fazemos parte, opniões” (Duarte, 2009 p.15)

Nesse contexto, a diversidade de intervenções e ressignificações observada na prática fotográfica, ilustra essa troca de experiências e construção coletiva do conhecimento, onde cada estudante pôde contribuir com sua visão única e ao mesmo tempo se apropriar das ideias e perspectivas dos outros, refletindo o processo de socialização destacado pela autora.

Ao final do encontro, foi relatado pelos estudantes a vontade de continuar as experimentações em outro momento, pois não se esgotaram as possibilidades, ao contrário disso, as ampliou.

Conclusões



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Esse diálogo visual é um convite para adentrar mais profundamente sobre os estudos da imagem, sobretudo no que as delimita e o que as expande. A hibridização valoriza as heranças da mídia base e as reconfigura projetando uma nova e única mídia.

As discussões provocadas pelas diferentes etapas de convergência, aproximaram a fotografia e o processo criativo de maneira mais livre. As recomposições realizadas nas etapas de acrescentar, ferir e tingir as imagens, abriram um espaço de investigação não apenas sobre a foto, mas sobre o eu, o criador. O mesmo se pode dizer da relação do eu com outro, pois a atividade individual logo cedeu espaço a criações coletivas, com fragmentos de diferentes fotografias impressas.

É a partir disso que esse relato de experiência confere alguma oportunidade de expor a prática fotográfica como aliada no processo de aprendizagem de uma sala de aula e da criatividade, critério base nos cursos como os de Artes Visuais e Comunicação da UFOB. Este relato, como a própria essência da fotografia híbrida, não pretende escassear o assunto, mas colaborar para mais discussões nesta área preenchidas por múltiplas possibilidades e amplas experiências.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia híbrida; ensino de fotografia.

REFERÊNCIAS

BELLOUR, Raymond. **Entre-imagens:** foto, cinema, vídeo. Campinas: Papirus, 1997
BITTENCOURT, Danny. **Fotografia híbrida.** Porto Alegre: edição do autor, 2018
CHIARELLI, Tadeu. **Arte internacional brasileira.** São Paulo: Lemos editorial, 2002
DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** - 3. ed. - Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009